

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 13000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.  
 FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 13125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.  
 BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental, anno... 13500

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.  
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.  
 Numero avulso 30 rs.  
 Redacção e administração — rua Direita.

## AVEIRO

### O Constitucionalismo Pôdre

O sr. Pinheiro Chagas, um dos corypheus mais autorisados do velho metaphysismo portuguez, zangou-se na camara com o sr. Manuel d'Arriaga por o deputado republicano haver tratado com «desdem» o constitucionalismo. O illustre Thomaz Ribeiro da prosa, que para maior desgraça d'este paiz ainda ha de occupar um dia não remoto o lugar do Thomaz Ribeiro do verso no banco dos ministros, assanhou-se como gato bravo com o representante do Funchal e declarou alto e bom som, som aflautado de rouxinol primaveral como elle diria se estivesse no meu lugar, que o sr. Manuel d'Arriaga tinha obrigação de acatar e respeitar e venerar o constitucionalismo porque se não fôra este, ouçam os leitores, o austero republicano não occuparia no parlamento a cadeira de representante do Funchal.

Bem bom. De maneira que, segundo o processo do trovador da facção constituinte, nós todos republicanos temos obrigação não direi já de adorar mas pelo menos de respeitar a monarchia constitucional, porque se não fosse ella eu ousado que a abomino, eu atrevido que a não temo, seria, poucas horas depois dos leitores do «Povo de Aveiro» lerem estas linhas, agarrado, amordaçado e atirado ao fundo d'uma masmorra por ordem d'esses mes-

mos que tambem embirram com ella e que andam por ali n'este momento a pedir a vinda dos conventos, creio que sem «desrespeito e sem desdem» pela constituição porque me não consta que o sr. Pinheiro Chagas os haja censurado na camara.

O homem que apoiou o duque d'Avila, quando esse clerical fanchudo de triste memoria exigia o muro nos cemiterios, prohibia os enterros civis e nomeava forçadas de conegos, entende que os nossos paes verteram o seu sangue, perderam a vida, gastaram o dinheiro, arrasaram a fortuna não para nos emancipar tornando-nos cidadãos livres com raciocinio e criterio mas para nos ligar de pés e mãos á sua obra, a arca santa, o cenaculo divino em que não é dado aos profanos entrar.

Pois que! Nós temos a petulancia de accusar a monarchia constitucional de conservar hoje quasi tantos analphabetos como existiam no momento em que subiu ao poder? Nós ousamos accusar a de nos ter roubado por forma tal, que a metade da nossa receita é hoje para pagar os juros da divida publica?

Nós possuímos o descaro de lhe lançar ás costas a responsabilidade da politica de serrallo que para ali se joga, do estacionamento actual do commercio e da industria, do abandono das colonias, de todas as poucas vergonhas, que não inventamos por que já passaram á historia?

Ah! bestinhas que somos e a que tanta falta nos faz um bom pau de marmeleiro! Nós, os idiotas, não sabemos que era

isso exactamente o que Mousinho, Herculano, Passos e José Estevão queriam quando combateram no campo jornalístico, tribunicio e no campo da batalha pela monarchia constitucional. Atacando-a, faltando-lhe ao respeito, insultamos a memoria d'aquelles patriotas sublimes que foram os fundadores da egreja de ladroeiros, de illegalidades, de patifarias, de infamias de que o Fontes, acolytado pelo José Dias, pelo Braamcamp e quejandos, é presentemente o summo sacerdote.

Republicanos inimigos do constitucionalismo, que fazeis parte da commissão aveirense que promove a erecção d'um monumento ao grande orador portuguez, pedi a vossa demissão. Andae, patetas das luminarias, incoherentes, que não sabeis o que fazeis. Sois os adversarios leaes, mas encarniçados e constantes das misérias que na historia contemporanea se chamam a Penitenciaria, Lourenço Marques, a Salamancada, Villa Fernando etc e por outro lado adoraes José Estevão. Combateis essas infamias na imprensa, na urna, no comicio e juntamente andae com uma perseverança e paciencia admiraveis supplicando o auxilio nacional em favor da obra, que emprehendestes.

Ficae sabendo, porque o disse o sr. Pinheiro Chagas e o que o sr. Pinheiro Chagas diz é um credo, que José Estevão foi um biltre. Um biltre sim, que não ignorava quando trabalhou pelo constitucionalismo as ladroerias, as traições, a deslealdade que elle praticaria para com a nação e

por conseguinte vós atacando-as atacaes a memoria d'aquelle que pretendeis perpetuar em Aveiro.

Vós outros, republicanos de Lisboa, para que fundae clubs com os nomes de Mousinho da Silveira, Fernandes Thomaz, Passos Manuel e José Estevão? Pois fallaes tão mal do constitucionalismo e glorificae os nomes dos seus fundadores nas vossas creações? Amaldiçoaes a monarchia, porque, entre outros factos, não instrue tres milhões de analphabetos e ides fundar escolas nos clubs que teem o nome dos responsaveis por tal crime? Olhae para Pinheiro Chagas, o «condottieri» da Parvonía, e ouvi o que elle diz. Pinheiro Chagas affirma, que atacando o constitucionalismo insultamos os grandes patriotas que citei. Pinheiro Chagas quer que respeitemos as gentilezas do partido preto branco, do granjola e do baldomera, para que respeitemos tambem a memoria de Passos, Mousinho e José Estevão.

Mas o autor infeliz da «Historia da Communa» não repara que, pretendendo acobertar as hostes nefandas da realza com os nomes autorisados dos velhos liberaes, lavra a desgraçada sentença condemnatoria da actual politica monarchica.

O «condottieri» constituinte, que não soube o que escreve na «Historia da Communa» nem na «Historia de Portugal», não soube agora igualmente o que disse accusando-nos de falta de respeito á memoria dos antigos progressistas. Se se lembrasse que Passos, José Estevão e outros foram a incarnação perfeita da

reacção popular ás torpezas da monarchia constitucional, reacção que manifestaram com violencia na Belemzada, na patuleia e nas luctas da tribuna onde deixaram d'isso documentos tão brilhantes na discussão da questão ingleza, da reforma da carta, da liberdade de ensino, da suspensão das garantias e das irmãs da caridade, repararia que quem lhe insulta os restos venerandos não somos nós, privados do alto valor que possuíam, porem entusiastas e dedicados seguidores dos nobilissimos exemplos que nos legaram de amor á patria e á liberdade. Quem lh'os insulta são uns republicanos de ha tres dias, uns regeneradores de ante-hontem, uns avilistas de hontem, uns progressistas e constituintes de hoje, que arrastam pela lama a dignidade politica. Se os velhos progressistas surgissem hoje do tumulo não seriamos nós, que continuamos o progresso politico, administrativo, social que encetaram, progresso necessario e fatal, previsto pela sciencia, desejado pela humanidade, que elles repelliriam. Outro tanto não succederia aos monarchicos do estofo do sr. Pinheiro Chagas, que votariam ao desprezo se lhe não pregassem quatro pontapés por indignos da liberdade e do honrado, digno e leal nome portuguez.

A democracia, senhor professor do curso superior de letras, não é parar e calar; é marchar e discutir. Parar e calar é só para os que, como V. Ex.ª, collocam a barriga acima do cerebro e o coração ao lado da boca. Por quanto ha, não ensine aos seus

mas que n'aquella epocha podia ser invocada com certo ar de razão por os que acreditam na providencia, visto que o ramo Capeto não negou Deus até ao momento da revolução.

Hoje, a monarchia absoluta não pôde mais ser defendida por nenhuma consideração, por capciosa que seja. Os legitimistas mais decididos abandonam-a e trocam-a por uma monarchia representativa, um governo de duas cabeças, com o povo em baixo e o rei em cima.

Entre os partidarios d'esta ideia, uns partem do principio que o suffragio universal tem o direito de estabelecer a monarchia, que a nação soberana pode abdicar a sua soberania em favor d'um homem, d'uma familia e abdicar para sempre.

Outros appellam para o direito divino. Admittem que a providencia, constituindo as nações, deu-lhes aptidões para tal ou tal forma de governo de que não podem sahir jamais sem se condemnar ao suicidio, assim como um homem não pôde saber das condições de existencia que a sua natureza lhe impõe, e acrescentam naturalmente que a constituição providencial da França é a constituição monarchica.

Tanta solidéz tem um como outro d'estes argumentos. Na hora actual a monarchia pôde ainda impor-se nos pela força, mas o que não poderá aqui em diante é estabelecer-se na razão; deixou de ser defendivel em nome da soberania nacional e dos direitos do suffragio universal como em nome da autoridade religiosa.

Admittido o suffragio universal, a Republica é a sua consequencia necessaria. Não é difficil demonstrar que uma proclamação monarchica seria, da parte dos que a votassem, um abuso de poder, um voto contrario ao direito e por isso mesmo nullo aos olhos da consciencia.

As sociedades humanas, formadas de seres mortaes que se renovam sem cessar, modificam-se continuamente por si proprias e eu penso que ninguém ousa attribuir á geração actual a faculdade de dispor das gerações futuras e de lhes confiscar os direitos.

A maioria pôde hoje eleger o sr. Thiers, o sr. Louis Blanc ou o sr. Audren de Kerdrel chefe do poder executivo da Republica; usa d'um direito incontestavel a que a minoria tem de se submeter. Está no seu direito porque não compromette o futuro; porque os eleitores que nos succederem teem a possibilidade de desfazer a nova obra se por acaso lhes não convier, porque nós proprios a podemos revér depondo os srs. Louis Blanc, Audren de Kerdrel ou Thiers se esses senhores não governarem como desejariamos que governassem.

Porem o que a geração presente não pôde é constituir uma monarchia, isto é, um governo irrevogavel e hereditario; não pôde decretar que o poder pertença ao sr. Thiers durante toda a sua vida, com a condição agravante de se transmitir em seguida hereditariamente aos seus deconcentes—admittindo que os teve—sem commetter um roubo e uma usurpação.

Supponhamos, com effeito, que o sr. Thiers era eleito rei pela unanimidade dos seus concidadãos, ou seja por 10:000000 de votos pouco mais ou menos. Todos os annos morrem em França, 350:000 eleitores, termo medio, que são substituidos por 350:000 novos eleitores. No fim de dez annos terao, pois, chegado á vida politica 3.500:000 eleitores, que veem substituir um numero igual de eleitores mortos. No fim de vinte annos o numero de eleitores renovados attingirá 7000000.

No fim de trinta annos estará quasi completo o renovamento do corpo eleitoral.

Qual é o homem de boa fé capaz de sustentar que o renovamento do corpo eleitoral que se pratica de trinta em trinta annos não chegará n'um ponto dado a modificar a maioria de modo a tornar a favoravel a homens e ideias que antes repellia?

Se este facto se dá e se as gerações que são chamadas a succeder-nos teem o mesmo direito que a geração de que fazemos parte—o que é innegavel para quem admittê o sistema electivo—deverão possuir a faculdade de modificar a constituição que lhes legamos e de confiar a mãos novas o deposito do poder executivo.

Ora a monarchia nega-lhes esta faculdade. A monarchia diz aos eleitores do futuro: «Podereis tocar nos ministros, no rei não. O rei é irrevogavel, irresponsavel, inviolavel.»

A monarchia colloca pois os eleitores que vierem depois de nós n'esta alternativa:—soffrir um governo que não querem ou derribal-o por uma revolução.

Para reconhecer que a monarchia é logicamente incompativel com qualquer sistema electivo não é necessario mesmo considerar as gerações futuras.

As sociedades são essencialmente voluteis, e para evitar os abalos violentos, é preciso que essa volubildade natural, inherente aos acontecimentos, tenha um meio legal de se manifestar; esse meio só a Republica o assegura.

Tomemos um exemplo recente. A 8 de maio de 1870 perguntou-se a França se ella queria conservar o poder nas mãos de Louis Bonaparte; se, depois de 20 annos de reflexão e experiencia, perdava o golpe d'Estado de 2 de dezembro; se entendia que os Maupas, osorny, os Magnan tinham andado bem aprisionando, deportando, fusilando os representantes

do povo, e 7.200.000 eleitores sobre 9.800.000 responderam que sim.

A 8 de fevereiro de 1871, isto é, passado menos d'um anno, os mesmos eleitores elegeram uma assembleia nacional, assembleia que ratificou quasi por unanimidade, o 4 de setembro (proclamação da Republica) e pronunciou por sua vez a destituição de Louis Bonaparte e da sua dynastia.

Devemos concluir d'ahi que o povo francez foi caprichoso procedendo assim? De modo algum.

O povo francez foi tão caprichoso como o seria um homem que se desembarçasse d'um mandatario infiel a que houvesse concedido toda a sua confiança e que por fim lhe sabbise um tratante. O povo francez andou erradamente na abdicación da sua confiança; os acontecimentos provaram-lhe que se havia enganado. Despronunciou-se portanto.

Se vivissemos em Republica, a França, reconhecendo o seu erro, haveria deposto o homem de dezembro sem violencia; como viviamos em monarchia tivemos de fazer uma revolução para nos livrarmos d'elle.

Dir-nos-hão que n'uma monarchia tambem se pôde reconhecer ao povo o direito de eliminar essa monarchia. Isso não é serio. Um governo que tal permittisse nunca seria uma monarchia. Seria uma forma particular de Republica onde o chefe do poder executivo, em lugar de ser nomeado por um espaço de tempo determinado, se-lo-hia por um espaço de tempo indeterminado, mas ficando sempre revogavel. A hereditiedade e a irrevogabilidade são os caracteres essenciaes da monarchia e é por isso que toda a monarchia é incompativel com o direito popular.

Apressemos-nos pois a acrescentar de passagem que uma forma de Republica como a que acabamos de suppor apresentaria menos perigos. Depositando nas mãos d'um

## FOLHETIM

### A REPUBLICA

O que é a Republica?  
 É uma forma de governo que não admittê e nenhum poder irresponsavel nem nenhum poder irrevogavel.

É uma forma de governo sob a qual a soberania real, efectiva, permanente reside unicamente no corpo eleitoral de modo que a nação pôde sempre que for enganada destruir o engano e desfazer no dia immediato o que havia feito na vespera.

É o unico regimen que se pôde logicamente harmonisar com qualquer sistema electivo, sobretudo com o suffragio universal.

N'outro tempo a França regia-se por uma monarchia absoluta. Essa monarchia governava sem dar satisfações ao paiz para que nunca appellava, ou, pelo menos, se convocava os estados geraes era a titulo puramente consultivo.

Além d'isso tal convocação dependia completamente da vontade do monarcha que não era obrigado a fazel-o por carta ou constituição alguma.

O governo do rei estava acima de toda a ideia de liberdade. Ninguém tinha o direito de fallar, de escrever ou mesmo de pensar sem sua autorisação. A sua autoridade não assentava sobre o consentimento do povo; assentava apenas sobre a força:—a força moral representada pela Egreja ou a força material representada pelo exercito. Era o regimen do arbitrio.

Este regimen era então possivel, era mesmo logico. Apoiava-se sobre um pretendido direito exterior á humanidade, direito que já hoje não legitima os emprehendimentos realistas, digamos-lo de passagem,

discipulos as suas peregrinas theorias politicas.

Ignotus.

A monarchia na localidade

Para o povo aveirense reconhecer as excellencias do regimen monarchico, não lhe é preciso mais do que olhar para o bellissimo estado em que ha vinte annos se encontra a sua terra natal.

Aveiro, como algumas outras pequenas cidades do paiz, acha-se n'uma situação miseravel. Aqui campeia o mais desaforado de todos os favoritismos e a mais criminosa de todas as indolencias.

As nossas ruas parecem ruas de aldeia. De inverno atola-se a gente em lama até ao joelho, de verão morremos suffocados com poeira. O alinhamento das casas é d'uma raticia a toda a prova. Cada proprietario faz o que lhe parece na construcção dos novos edificios. Se o engenheiro da camara tem o cuidado de lhes marcar uma posição regular, conveniente e bonita lá vem logo o capitão mór com todo o seu cortejo de influencias importunar o presidente da camara e como o presidente da camara, seja progressista, ou constituinte, ou regenerador, tem a politica atravessada na garganta o capitão mór é logo servido a correr...

por causa dos votos e a indicação do engenheiro calca-se aos pés. Outras vezes este, já cansado de tanta pouca vergonha, não se incommoda a fazer cousa que geito tenha e deixa-se ir na corrente.

Quando a policia vimo-la por um... oculo. Os malandros fazem por ahí o que querem; roubam, jogam, gritam, batem, o diabo. Entretanto o sr. administrador do concelho dorme, o sr. governador civil joga o voltarete e nós temos de sahir com a boa bengala de cana da india debaixo do braço por causa das duvidas.

De institutos de caridade, beneficencia ou socorros não fallemos. Esses, coitados, cahiram o mais baixo que podiam cair. O asylo da infancia desvalida lá vae coxeando, aqui caio, acolá me levanto, conforme Deus quer e é servido. Não censuramos os seus directores, porque não sabemos se são culpados da sua decadencia. Limitamos-nos a apontar.

O mesmo não diremos já do hospital. Ahí ha escandalos, irregularidades, factos criminosos que a meza não sabe e não quer reprimir. Esse symphatico, util e nobre estabelecimento está-se a desacreditar por causa da incuria e desleixo da sua direcção.

Os srs. mezarios dormem, não querem cumprir o seu dever, estão atacados de monarchite? Pois contem conosco. Vamos encetar não tarda

campanha energica contra a direcção do hospital e fique ella sabendo que estamos decididos a ir ás ultimas. Depois queixem-se.

O montepio faz pendant com os dois. Os responsaveis, unicos responsaveis da decadencia d'essa associação, cujos resultados podiam ser tão brilhantes, são os srs. associados.

Estes senhores, por indolencia e mandrice extraordinarias, abandonaram aquillo completamente, entregaram-se ás mãos dos capitães móres que pozeram e dispozeram da sociedade como cousa sua, deixaram lá dominar medicos e pharmaceuticos e escripturarios que elegiam direcções á sua imagem e semelhança e faziam tudo o mais que lhe podesse servir os interesses proprios em detrimento dos da sociedade, isto é, tanto andaram e desandaram, que pregaram com o negocio de cangalhas. Deixem estar, meus senhores, que agora é que lhe hão-de achar o erro. Nunca vos serviram as ligões? Olhem, ainda ha pouco receberam uma rasoavel. Trabalharam até suar para metter no montepio um medico, que andava ao mesmo tempo a tratar de apanhar posta por outro lado. E afinal? Apanhou a posta e deu-vos com a eleição do montepio na cara. Ora para a outra vez jensem e indaguem do individuo, antes de o escolher, para vos não succeder andarem com uma candéa atraz de medico como presentemente.

O Zé Povinho gosta de marariolar não quer saber do que lhe convem? Então anda, Zésinho, paga soffre e cala-me o bico ainda em cima senão vão-te ás costas.

E é bem feito. Tanto has-de levar que has-de aprender.

Continuemos a desfiar a meada.

Ha uma questão importantissima para Aveiro, que é a da barra. Tudo grita contra a barra, todos a querem boa e afinal está sempre na mesma. De quem é a culpa? E' do Zé povinho, o culpado eterno de todas as poucas vergonhas. Quando sacudir a albarda que o sr. Sebastião Lima e o sr. Manuel Firmino e o sr. João do Mestre, o capitão mór lá das Aradas, lhe ferraram no lombo ha já vinte annos e se resolver a mandar á camara um deputado intelligente, honesto e digno que peça ao ministerio strictas contas de tal negocio e aclare em pleno parlamento a confusão que n'elle reina atacando os escandalos, se os ha, e combatendo as irregularidades, se existem, nós veremos se a cousa corre ou se não corre.

Por ora, enquanto o deputado de Aveiro sahir do chapéu d'aquelles tres senhores e dos chapéus dos seus satelites em logar de sahir da urna livremente, não pensem no caso e deixem peorar a barra até ella se tapar.

Para que havemos de continuar a citar escandalos? São tantos, que encheriam duas duzias de numeros do Povo de Aveiro. Por hoje deixaremos em paz o sr. Manuel Firmino com os seus saltos acrobaticos na politica e as suas graves irregularidades na admi-

nistração municipal; o sr. Mendes Leite com o seu patronato sem limites; e sr. Cesar de Sá, o heroe da terra, com que? Este homem não ha nada que não tenha. Deixemos-lo pois comtudo que elle tem.

Ficem em paz, amigos, mas por pouco tempo. Voltaremos breve a conversar.

Pedimos, porém, a attenção do Zé povinho e não se esqueça elle de que o estado de Aveiro é o estado geral de Paiz. Se gosta, avante, não desanime e peça monarchia em dozes assim como pede carneiro com batatas.

Eu.

ENSINO UTIL AS TRICHINAS

O infinitamente pequeno é o grande thema que preoccupa agora o mundo medico e a larga pedra angular do extraordinario movimento scientifico hodierno; não podendo, por isso deixar d'interessar-nos qualquer descoberta n'este sentido, e sobretudo a questão da transmissibilidade ao homem e da culpabilidade d'este agente na geração de certos estados morbidos, o que para nós, constitue o ponto culminante do assumpto. E mesmo, se a algumas pessoas, apaixonadas por este genero d'investigações, pareciam um pouco esquecidos e desprezados os parasitas d'origem vegetal, lá aparece, na tela do debate da ultima hora, o achado e a historia d'um novo organismo, o actinomyces bovis, entregue ás mãos habilissimas dos pesquisadores allemães; podendo este determinar uma affecção de natureza parasitaria, transmissivel directamente dos animaes aos individuos da especie humana e susceptivel d'engendrar desordens muito variadas, posto que obedecendo a um processo de notavel lentidão. Aqui está o que, muito em resumo, vem a ser clinicamente este neoplasma parasitario de fresquissima data, e do qual procedem, apoz a sua penetração no organismo humano, diversas inflammaciones circumscriptas, pouco ou quasi nada dolorosas, e com limite em um processo suppurativo vagaroso e pausado.

No meio d'esta agitação, causada pelos infinitamente pequenos, nada está dando tão vivo cuidado como a trichinosa, visto que a America derrama, ha alguns annos, em todos os mercados da Europa, uma enorme quantidade de carne de porco, sob diferentes formas e com diversos preparamentos, e visto que este alimento nos podem acarretar doenças e perigos, não estando immunes sempre de trichinas, idoneas e sufficiente para communicarem ao homem e a certos animaes a mesma terrivel doença.

Não ha duvida que a Suissa, a Allemanha e a Italia exportam grandes quantidades de carnes salgadas, mas tambem é certo que a America

alaga os mercados europeus com a metade, pelo menos, de toda a somma d'aquelle alimento, consumida nos diversos paizes da Europa, e egualmente que este commercio americano progride incessantemente de anno para anno. Em tres provincias de França haviam entrado, no anno de 1879, sete centos cincoenta e seis mil trinta oito kilogrammas de carnes de porco, conservadas, e n'este numero figuram, segundo estatisticos rigorosas, com mais de setenta por cento os Estados Unidos, convido ainda recordar, firmado na valia dos mesmos algarismos, que no anno anterior havia sido menor a importação d'estes productos alimenticios, em successiva progressão de consumo. Quer dizer que a todos desassocega esta questão, aos que temem comer carne com trichinas e aos que receiam não poder mais vender a, e que, no seio das academias e dos conselhos de hygiene ou na boca dos marchantes de carne de porco, só se ouvem as palavras: trichinas, trichinose e trichinophobia. Até já ha em França salchicheiros que põem á porta vistoso annuncio, competentemente sellado, e onde se lê: presuntos garantidos sem trichinas.

E o aviso é tanto mais para agradecer, quanto as trichinas só se descobrem pelo microscopio, e que nada, absolutamente nada de especial se encontra nas carnes trichinizadas, antes da explicação d'esse meio amplificador, sendo absolutamente preciso ao publico uma qualquer garantia, quer venha das auctoridades, quer derive dos commerciantes honrados.

(Continúa)

Indigno

A camara municipal d'este concelho tem sollicitado de pessoas estranhas a Aveiro que lhe fiquem com as acções do theatro, que ella resolveu alienar, em termos que parecem os de quem pede uma esmola.

A camara do sr. Manuel Firmino levou mesmo a audacia a ponto de enganar os individuos a quem se dirige, n'umas circulares assignadas por uns sujeitos que representam para ella a politica local, mas que para nós, municipes, não representam cousa alguma nem sabemos com que direito tratam dos negocios municipaes. Quem authorisou a camara a delegar os seus poderes? Quem lhe consentiu que ouir s'individuos peçam esmolas por ella? Quem tem o poder de lhe admittir isso?

Mas vamos ao caso. N'uma d'essas circulares, porque as circulares são muitas, diz a soi disant commissão da camara:

«A vereação que antecedeu a actual entendeu que esta cidade precisava d'um Theatro, que é uma das principaes escolas de instrucção, e tanto quanto poude auxiliou a ideia, chegando por conseguinte a edificar-se aqui uma

tamos-nos a rever annualmente as listas electoraes inserendo n'ellas os electores que atingiram a maioridade civil e riscando os que morreram ou perderam os seus direitos por condemnacão judicial.

Resta fixar o mandato. Devemos passar mandatos vitalicios, ou mandatos por 10, 20 e 30 annos? Aqui impoese-nos ainda a obrigação de repellir as conclusões absolutas e de adoptar um meio prudente.

Não podemos passar mandatos vitalicios, porque sendo a duração da vida impossivel de prever, taes mandatos seriam indetermindados na sua duração. Não podemos de egual forma, conferir mandatos por trinta, vinte annos ou mesmo dez, porque seriam d'uma longa duração.

E' necessario, se não se quer que um mandato tenha por consequencia supprimir a soberania do mandante, que se tenham tres condições em vista:

1.º O mandato deve ser de assaz curta duração para que o elector possa prever com boas probabilidades, no momento em que vota, os acontecimentos que se darão no curso da legislatura. Sem isto votará ao acaso e o seu voto, não sendo reflectido e maduramente determinado, não terá valor algum.

2.º É preciso que relativamente a certas questões de grande importancia, indicadas pela Constituição fique intacta a soberania nacional, não podendo o mandatario legislar sobre ellas sem recorrer a uma assemblea de revisão, quero dizer, aos electores.

3.º É preciso que a legislatura se não prolongue por muito tempo para que, durante a sua duração, o renovamento do corpo electoral não seja capaz de deslocar sensivelmente a maioria.

Um, dois, tres annos são durações sufficientes, não se devendo nunca exceder a ultima.

casa, que se não é das principaes do paiz, é seguramente das melhores que ha nas terras de provincia. Esta casa custou apenas 10:000\$000, que foram divididos em 2:000 acções de 5\$000 réis cada uma. D'estas acções tomou a Camara 720, na importancia de 3:600\$000 réis. Esta quantia existe por enquanto, improductiva, e a Camara lucta com difficuldades enormes, pois que a sua receita é diminutissima, e não póde, sem gravame publico, augmental-a. Resolveu por isso alienar a maior parte d'aquellas acções, e pedindo para isso auctorisação competente, foi-lhe esta concedida, achando-se portanto a Camara nas circumstancias legais de as poder transferir.

Até aqui achamos que tão censuravel é a camara como quem lhe concedeu licença para vender as acções do theatro. Affirma ella que é improductiva a quantia que empregou no Theatro e affirma a verdade apesar de reconhecermos que a camara anterior fez muito bem em concorrer por essa forma para dotar Aveiro com um bom melhoramento. Mas a camara não pode supportar a improductiva da quantia que tem empregada nas acções e podem-no supportar os operarios egualmente possuidores de acções?

É boa! Quem tem mais recursos? Os nossos, apregoa, a camara, não se podem augmentar sem gravame publico.

É falso. O patronato escandaloso d'ella e das mais antecessoras é que os não tem deixado augmentar. Façam administração excellente e veremos se augmentam ou não augmentam.

Continuemos a ouvir a soi disant commissão:

«Ha por conseguinte ainda para passar cerca de 420, e a commissão, no intuito de desempenhar-se da missão que tomou sobre si, vê-se forçada a recorrer de novo a algumas das pessoas a quem já se dirigira e de quem ainda não recebeu resposta, e a outras cuja respeitabilidade lhe merece a mais plena confiança, fazendo-lhe sentir quanto agradecerá esta prova de consideração por Aveiro—não duvidando consignar aqui, que a aqúiescencia de V. Ex.ª ao convite que a commissão faz, será tida como uma fineza especial—como grande serviço aos melhoramentos d'Aveiro—sem nenhum prejuizo para V. Ex.ª, pois que se torna com-proprietario d'um predio valioso, que offerece sobeja garantia aos capitães que n'elle se empregam.

Esta carta será presente a V. Ex.ª pela forma que nos parece mais delicada, e a um pedido por tal modo feito não cremos os abaixo assignados que V. Ex.ª deixe de corresponder tão nobre e cavalheiramente, como nobre e elevado é o seu caracter.

Repetimos: o sacrificio reduz-se a tomar parte proporcional aos seus desejos n'uma importante propriedade, que n'um periodo curto ha de produzir um razoavel dividendo.»

Alem d'isso, partir da difficuldade que ha em observar a justiça absoluta, para affirmar que devemos renegar absolutamente a justiça, é absurdo. Porque não podemos applicar o direito ideal não se segue que se abandona completamente o direito. Aquelle que a serio propoesses um tal remedio parecer-se-hia bastante com um medico que assassinasse os seus clientes por não haver descoberto o meio de os tornar immortaes.

A necessidade em que nos vimos de nos prender por um tempo muito curto, conservando plena soberania sobre todas as questões de importancia capital, não pode prejudicar o principio que estabelecemos e em virtude do qual não temos o direito de paralisar a acção dos nossos descendentes nem de nos collocar a nós mesmos n' impossibilidade de reparar os nossos proprios erros.

Como um homem que adquiriu pelo seu trabalho uma propriedade, que criou um valor pela sua industria, não pode manietar eternamente a vontade dos seus herdeiros. Depois da sua morte e operada a transmissão dos seus bens perde todo o direito sobre objectos materiaes que são obra sua e não tem o poder de comprometter para sempre a liberdade, a consciencia, a pessoa dos seus descendentes até á millesima geração!

Isto nem se discute e podemos considerat como demonstrado:

1.º Que a unica forma de governo que deixa intacta a liberdade da nação, a unica que repousa sobre o direito é a Republica.

2.º Que a Republica e o suffragio universal se identificam.

3.º Que todas as monarchias dizendo-se associadas ao suffragio universal não são mais que monarchias absolutas disfarçadas e que na realidade só existem duas formas de governo:—a monarchia absoluta ou o direito divino, a Republica ou o suffragio universal.

A. Naquet.

homem todos os recursos da administração por tempo indeterminado, conceder-se-lhe-hia o meio de viciar o suffragio universal, de o alterar, de o fazer desaparecer de facto ainda que conservando-o na apparencia e n'esse caso como no da monarchia sem disfarce iriamos parar á fatalidade das revoluções.

Assim desde que se sabe do regimen da força, da oppressão, do arbitrio para entrar n'um regimen de liberdade, d'eleições, de direito popular, a consequencia natural de tal mudança é a mobilidade do poder e a necessidade, por conseguinte, d'uma forma governamental assaz elastica para consentir que a referida mobilidade se manifeste sem abalos. Essa forma é a Republica.

Logo podemos estabelecer: não que a Republica é superior ao suffragio universal—porque um tal modo de dizer pareceria indicar que o suffragio universal e a Republica são duas cousas distinctas, dois principios diferentes que se trataria de subordinar um ao outro, e deixaria até suppôr que o suffragio universal pode coexistir com a monarchia—mas que o suffragio universal não é nem superior nem inferior á Republica; que não está acima d'ella nem abaixo, nem fora d'ella nem ao lado; que é a propria Republica, que o suffragio universal e a Republica são uma só e mesma cousa, que se não póde destruir uma sem destruir á outra e vice-versa. Fazem, pois, perguntar-nos-hão os nossos adversarios, uma Republica de direito divino?—Não! Fazemos uma Republica fundada n'um direito essencialmente humano:—o direito da razão.

Tivemos tempo durante vinte annos para coahcer o tempo; que a monarchia faz do suffragio universal. Transforma-o, usurpa-o, supprime-o ate d'elle só restar um simulacro. Não usando confessar-se absolut a recorre a uma hypocrisia apparente. D'essa

volve os recursos administrativos para fazer triumphar os candidatos, que lhe agrada; espalha a mãos cheias o dinheiro d'uns para corromper os outros; intimida; volta as urnas de fundo para o ar e revolve tudo o mais que lhe convem; decreta anticipadamente a maioria que quer obter e em vez d'uma camara que represente o paiz obtém uma camara que emana do rei. É na realidade uma monarchia absoluta com este ultimo nome de menos, e uma requintada má fé de mais.

Que nos respondem a isto os monarchistas? Procuram objecções, porem encontram só sophismas.

Pretendem que os nossos argumentos se voltam contra nós; que se elles não tem o direito de prender os nossos descendentes fundando a monarchia, sob o pretexto de que se lhe tira a faculdade de mudar de dynastia ou d'estabelecer a republica, tambem nós o não temos de os prender pela fundação da Republica definitiva, que lhe arranca a faculdade de estabelecer a monarchia. Acrescentam que a nossa maneira d'encarar a soberania nacional conduz ao absurdo, porque o renovamento do corpo electoral é incessante e que, para sermos logicos, deviamos propor que se mudasse de governo todos os minutos e exigiu-lo não variavel como os nossos caprichos e excentricidades.

A primeira d'estas objecções demonstra que os monarchicos nunca comprehendem o que é Republica, porque comparam uma Republica definitiva com uma monarchia.

A Republica não é uma affirmacão, é o contrario d'isso; é a negação do direito d'um povo a fazer cousas definitivas. Quando se diz: «Decretamos que a Republica seja definitiva» é como se dissessemos: «Negamos á nação o direito de estabelecer jamais um governo definitivo.

Essa objecção que nos oppõem cabe por

A mentira aqui é palpavel. A tal commissão, para impingir as accões, não podia deixar de confessar que o seu rendimento não é nenhum.

Mas, como ao mesmo tempo era duro e descarado ir vender a pessoas estranhas uma cousa sem valor, vae-lhes dizendo que n'um periodo curto hão de render bastante.

Que atrevimento! Toda a gente sabe que nunca hão-de render cousa alguma e portanto toda a gente pasma que se impinjam accões, propriedade de camara municipal d'Aveiro, como se impingem assignaturas de certos jornaes granjolas, que conhecemos.

Nós, como municipes, protestamos contra o procedimento da camara, e achamos que era muito melhor ter-se deixado ficar com as accões escusavamos todos de fazer figuras tristes.

Ainda ha uma outra circular mais digna!

O homem dos arautos

Um acontecimento imprevisito sobressaltava hontem de manhã a cidade d'Aveiro. A população affluia toda ao coração da cidade e agglomerava-se ao longo do caes. Os feirantes do rocio ousavam arrostar com a chuva e sahiam fóra das barracas. Os cães produziam uma musica medonha de latidos e os garotos atravessavam as ruas a correr por entre um alarido enorme.

O que é isto, perguntámos nós espantados? Chegou a Aveiro a mão negra, entraram ahí os nihilistas, ha dynamite, ha revolução, ha o diabo?

— Não, respondeu-nos alguém do lado anda um arauto no rocio. Um arauto no rocio!!!

Ficámos perplexos e a celebre palavra produziu-nos um effeito magico. Sentimo-nos de repente transportados ao seculo XVI e a santa inquisição e o poder despótico dos reis pairou-nos um momento deante dos olhos. Parecia-nos ouvir nas ruas os arautos annunciando em tom lugubre um auto de fé e no meio da visão chegámos mesmo a ver o padre Sequeira coltado pelos padres Ferreira e José Candido seguidos do Sancho-Pansa, do cura da senhora da Gloria e do padre Pato, e de todos os jesuitas da terra a caminhar gravemente, ricamente apantados, para o local do suppicio onde iam aticar a fogueira.

Parecia-nos ouvir os arautos annunciando galhardamente aos povos abysmados que o nosso querido soberano houvera por bem resolver eavergar a veste guerreira e marchar, acompanhado dos seus subitos leaes, a exterminar os impios da França.

Porém a visão dissipou-se logo. Lá em baixo, na nossa frente, estava um juás de palha representando um frade e ao nosso lado estava o pedestal da estatua de José Estevão!

Seguimos para a rua do Caes e tomámos lugar entre os curiosos. De subito, sem annuncio previo de chameleta, elevou-se nos no lado uma voz de trovão, mais ribombante do que as cornetas de Jerichó e disse:

«Nobres habitantes d'Aveiro, descendentes de tantos heroes, filhos amantísimos da religião catholica apostolica romana, vassallos dedicadíssimos de Sua Magestade Fidelissima que Deus guarde, sahei: Que Antonio do Valle Guimarães, delegado todo poderoso dos poderosissimos capitães mores d'esta terra, esteio de Roma, alavanca do jesuitismo e vosso patrião e senhor determina que os feirantes do Rocio não armem barraca, não levantem panno, não comam, não bebam, não fallem não deixem o ousado nariz fóra da porta emquanto os sinos chavecos d'esta cidade santa não annunciarem a alleluia.»

Tableau!!! Surprezos e abysmados retirámos pensando na fragilidade do mundo, matulando no perigo que ha em entregar o poder ás mãos de malucos, recordando que é esse o grande mal d'este paiz, e convictos de que um homem de cacó vazio é o sufficiente para n'uma hora desacreditar uma cidade inteira aos olhos dos estranhos!!!

Coitos

Já n'outro dia chamámos a attenção do sr. governador civil para os coitos

jesuiticos de Ilhavo, Angeja e Cocujães. É preciso que o sr. governador civil denuncie estes focos miasmaticos ao governo. O sr. governador civil não o tem feito e assim não cumpre o seu dever. Ande sr. Mandes Leite, resolva-se a fazer alguma cousa que se veja e diga ao governo que em Ilhavo ha um instituto d'irmãs da caridade, que exercem o ensino, que ha outro do mesmo genero em Angeja e que em Cocujães do Couto ha um conto poderoso de jesuitas.

O governo não attenderá por certo o sr. governador civil, mas o dever d'este é andar para a frente. Atacam-se ousadamente no districto d'Aveiro as leis da Nação? Pois peça providencias que evitem o ataque.

Aquella malandragem é que nós não queremos ali e dizemos que não queremos porque temos o direito d'exigir o cumprimento da lei.

Voltaremos á carga.

Judas

Hontem appareceu enforcado um judas muito ração na praça da fructa. Era um bello frade, artificiosamente preparado de capuz na cabeça e um pandego rosario de batatas nas mãos.

Pregado ao frade lia-se este distincto: — Guerra ao jesuita.

Apoiado—guerra ao jesuita, mas não é só ao jesuita de habito fradesco é tambem ao jesuita de casaca, de batinha e de japona como por ahí ha muitos.

Frades e Freiras

O notavel jornalista e grande liberal o sr. Joaquim Martins de Carvalho tem combatido asperamente no Cominbricense, com documentos autenticos, os manejos reaccionarios. Do Cominbricense de 20 do corrente transcrevemos alguns periodos d'um documento curioso, que demonstra cabalmente as torpezas da gente do senhor.

Sentimos que a falta d'espaco nos não permita transcrever o todo.

No reinado de D. João V tinham chegado os abusos dos frades, confessores de freiras, a um tpo desaforado escandaloso, que o governo d'aquelle monarchia se viu obrigado a mandar fazer perante a curia romana, por intervenção do nosso embaixador em Roma, uma exposição dos motivos que exigiam que todos os conventos de religiosas se fizessem aos frades, ficando ellas sujeitas aos bispos e ordinarios dos bispados.

Eis ahí textualmente as instrucções dadas ao nosso embaixador em Roma:

«Os conventos de religiosas n'este reino necessitam geralmente de uma grande reforma pelas escandalosas correspondencias que as religiosas tem com gente de fóra, e absurdos que d'aqui se seguem, que escandalizam até os mesmos hereges.»

A experiencia mostra que são mais relaxadas as que estão sujeitas aos governos dos frades, e a causa d'esta relaxação é parte a muita pobreza de taes conventos, e parte a má direcção dos regulares que as governam, e confessores que lhes assistem.

Da pobreza dos conventos se segue que as religiosas que não tem tenças, vendo que o convento lhes não acode com o necessario, buscam-no por meios illicitos de amizades escandalosas com pessoas de fóra.

E do mesmo modo as preladadas não tendo o que é necessario para gastos das officias dos conventos, põem nellas as que os pretendem, para ter mais liberdade; e não se atrevem a atalhar esta, por recearem que os taes officias, lhes renunciem os officios, não os podendo dar ás mais capazes, por não terem estas, nem os conventos, em que fazer as expensas necessarias n'elles: de que se segue verem-se precisadas a darem os taes officios ás incapazes e de poucos annos, e talvez de nenhuma observancia, com que se segue grave relaxação nos mosteiros.

A esta pobreza dos conventos acrece a grande despeza que as religiosas fazem com os regulares, a que estão sujeitas, tanto nos mimos dos regalos que mandam aos Provincias, para os terem da sua parte, quanto na ordinaria despeza que fa-

zem com os confessores que lhes assignam, a quem regalam com tanta exorbitancia e grandeza que se não pode crer: razão porque os logares de confessores de freiras são tão appetecidos e procurados.

Ajuda esta relaxação a má direcção de muitos prelados regulares, que como tem dependencia das religiosas ou pelos direitos que lhes levam pelas patentes, e liberdades que lhes concedem, ou pelos mimos que ellas lhes mandam, facilmente condescendem com o que ellas pedem.

E o em que os ditos prelados são causa de maior relaxação é na nomeação que fazem de confessores das religiosas; porque sendo este logar de confessor pelo regalo com que é tratado, muito appetecido ainda dos que na religião têm servido os maiores cargos, costuma-se de ordinario dar aos amigos e parciais de quem os prelados têm dependencia, sem attenção ao serviço de Deus e da religião.

D'aqui vem que os confessores das religiosas, muitas vezes são homens de poucas letras, e de nenhum espirito, e alguns escandalosos, que têm trato amatorio com religiosas dos mesmos conventos, e talvez introduzem por suas dependencias outros no mesmo trato.

D'aqui se segue tambem o não atalhar as correspondencias, que as religiosas têm com as pessoas de fóra, que como vivem involtos nos mesmos vícios, não lhes fica lugar para os estranharem e atalhar aos outros.

Quando um devasso como D. João V, o amante das freiras de Odivelas, se queixava de taes torpezas o que não iria por aquelles lupanares chamados conventos?

O grito do Douro

Recebemos o n.º 1 d'este magnifico semanario da Regoa, que principia o seu artigo de fundo por estes periodos:

«Já o dissemos e repetimos: Nós vimos para a lucta, cheios de esperanças gloriosas: — impelle-nos a nossa consciencia impolluta e orienta-nos o triumphante sol do bem.»

E' do Douro, do seio da sublime região do trabalho, que nós ungimos, e, embora nos separe uma longa distancia dos aposentos reaes, o Grito resoará heroicamente e desassombadamente no timpano tenro e fino da loira Magestade,— uma vez que os seus aulicos não lhe deixam ver o abysmo da desgraça para onde vae rolando esta infeliz provincia.

Muito bem. A ideia republicana alastra-se e o futuro sorri-nos. Canalla jesuitica, deixa passar a justiça.

Desejamos ao nosso correligionario as maximas venturas.

Papel

« Sendo o Espectro Republicano orgão da policia secreta de Lisboa, segundo corro, desde a sua fundação, O Povo de Aveiro nunca mais trocará com elle. Fica o immundo papel, orgão de quem quer que seja mas em todo o caso fundado para desacreditar o partido Republicano com cujo nome se acoberta, prevenido. E não fazemos isto por lhe dar importancia, fazemo-lo porque costumamos proceder lealmente mesmo com quem nos causa nojo.»

Sova

O Seculo chegou uma boa sova á Folha do Povo. E' bem feito para ver se este jornal deixa de ser o calumniador encartado dos republicanos honestos. A parte sã e digna do partido republicano não pode ter contemplações com os irrequietos, os biliosos e invejosos, que nem os seus correligionarios dignos respeitam. E' dar-lhe e para a frente.

Quanto ao nosso amigo Casimiro Freire, que a Folha do Povo, que veio accusar o Seculo de incoherencia, tinha obrigação de poupar depois da resolução do conflicto de honra conhecido de todos porque assim procedem os homens cavalheiros, fazemos

nossas as palavras nobres e levantas que o Seculo lhe dirigia.

Confessionario

Sabemos que uns certos padrecas cá da terra fizeram este anno activa propaganda jesuitica nos confessionarios. Esses tonsurados d'uma figa aproveitaram-se da confissão para combater os principios liberaes, aconselhando os fieis a não se deixarem contaminar pelas más ideias revolucionarias que por ahí lavram (sic) e a não conviverem com os herejes!!

Um d'elles teve mesmo a petulancia de fazer a historia (à sua moda) da agitação social nos ultimos seculos affirmando com entono que a Republica nunca vingará porque ha muitissimos annos que ella pretende levantar a cabeça tendo sido os seus partidarios sempre esmagados pela santa religião.

Ah! meu santuario de bõrra, meu sotaina traicoeiro! Tens prazer n'isso, pois não tens? Entendes que os malandros que assassinaram milhares d'albigenses e de protestantes, que lançaram ás fogueiras milhares de livres pensadores, que afiraram a uma masmorra com Galileu e outros sabios eminentes, procederam muito bem, não é assim? Gostas das dragonadas e do Saint Barthélemy, hein? Ora experimenta fazer hoje o mesmo, que nós te daremos o troco.

Um outro padre muito conhecido n'esta cidade, que dirige temporariamente as ovelhas d'uma terra ahí vizinha tambem vomitou sandices no confessionario contra os herejes. Esse é uzeiro e vezeiro no systema, porque até já do pulpito berrou contra os republicanos que são os taes herejes!!!

Mas saibamos, quem é o berrador? É um miseravel seductor, um ministro de Deus cheio de erimes.

É um homem que se introduz astuciosa e traicoeiramente no seio das familias para lhe envenenar a existencia deshonrando-lhe as filhas, que mais tarde deixa morrer phisicas em miserias lojas e apodrecer nos hospitais de Coimbra.

É esse o villão que nos accusa de herejes e que no pulpito e no confessionario incita contra nós as massas fanatisadas! Ah! o que nos admira é que um pae não tenha pejo nem vergonha de deixar ajoelhar a sua mulher honesta, ou a sua filha innocente aos pés d'aquelle crapuloso e que um qualquer beato não duvide fazer o mesmo.

Arreda villão, que a nossa vida é limpa e a nossa honra é impolluta.

O terceiro é um padre gordo e nedido, muito conhecido tambem na cidade. Egualmente vociferava contra os herejes, egualmente prega ficções de moral no confessionario e fora d'elle, o pandego, que as amantes corriam a pedra não ha muito ainda quando elle lhe ia de noute bater ás portas.

Padrecas nós cá os republicanos, que não somos ministros de Deus nem de ninguem, que não temos a sustentar considerações identicas ás vossas, não fazemos d'isso.

O povo que se acantele d'esses heroes, que são jesuitas encobertos.

Novos centros republicanos

Projecta-se na Regoa a fundação d'um centro republicano.

Espera-se n'aquella localidade pelos srs. drs. Alves da Veiga, Magalhães Lima e Alexandre da Conceição, afim de assistirem á inauguração de tão util, quanto necessaria instituição.

Aos nossos correligionarios da Regoa, enviamos as nossas felicitações.

Tambem em Vizeu se vai organizar um centro republicano. O nosso partido conta n'aquella cidade valiosos elementos democraticos, e por isso fazemos votos para que se realice o mais breve possivel a sua organização.

Dizem-nos que á sua inauguração irão assistir, os srs. drs. Alves da Veiga, Magalhães Lima e Anselmo Xavier.

Drama sanguinolento

Os jornaes húngaros narram o seguinte drama, succedido em Batva.

Um guarda da linha ferrea tinha tido na loteria um premio grande, d'algumas centenas de florins, que lhe foram pagos em notas do banco de Austria. O pobre diabo, que nunca vira tanto dinheiro junto, passava o tempo contando e apalpando as notas.

Uma noite em que se entregava a esto passatempo, ouviu o signal do comboyo, e, deixando o dinheiro em cima da meza, sahiu para a linha.

Quando voltou viu que uma filha, menina de pouca idade, que andava brincando pela casa, tinha pegado nas notas deitando-as ao lume da chaminé.

Louco de raiva, o guarda agarrou a creança pelos pés e esmigalhou-lhe a cabeça no chão. A mulher que estava n'uma casa contigua, sahiu precipitadamente a soccorrer a filha mas ao vel-a morta, fugiu e atirou-se de uma ribanceira abaixo.

Então o infeliz guarda aterrado com a immensidade da sua desgraça, vendo-se sem familia, sem fortuna pegou n'um revolver e fez saltar os miolos.

Estabelecimento de alfaiate

O antigo e acreditado alfaiate o sr. Joaquir de Pinho, acaba de chegar a esta cidade, abrindo o seu estabelecimento, onde se encontram as obras do mais apurado gosto e da mais conveniente commodidade de preços. O local do seu estabelecimento é n'uma barraca da feira de março.

Horriavel

Um jornal estrangeiro refere um caso, de consequencias bastante horrosas.

Um medico alienista, da cidade de Newsti, na Russia, tinha n'um compartimento da sua casa, submettidos a um plano curativo, um aldeão e um advogado, ambos atacados de alienação mental.

Um dia o facultativo, em extremo afeicoado á arte venatoria, sahiu para uma caçada, levando, por distracção, no bolso a unica chave do aposento dos 2 enfermos.

A expedição devia ser abundante em agradaveis peripecias, pois o caçador não regressou senão passados quatro dias.

Ao mudar de trajo, foi que viu a chave e correu, espantado de um tal esquecimento, á sala dos dementes.

Abriu a porta e defrontou com um quadro horriavel.

O camponio estava de bruços, junto ao mutilado cadaver do seu companheiro, e com toda a cara banhada em sangue.

Os pobres loucos, excitados pela fome, tinham-se travado de renhida lucta cujo resultado foi a morte dos 2 pois que o aldeão expirou no dia seguinte.

Diz-se que o doutor comparecerá em breve perante os tribunaes de justiça.

A Companhia Fabril Singer.

previne para os devidos effeitos que, desde esta data, deixou de ser seu empregado, Duarte Alexandre Simões.

Ninguem por isso faça transações com o mesmo empregado em negocios da mesma companhia, porque não terão validade.

Aveiro 8 de março de 1883.

A Companhia Fabril Singer.

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados agradecem o testemunho de interesse que receberam durante a prolongada doença de seu marido, thio e irmão o sr. Antonio José Lopes, e a todas as pessoas que honraram o funebre acompanhamento, e responsos de sepultura realizados na capella do cemiterio d'esta cidade; assim como tambem a todas que lhe dispensaram a fineza da sua visita. Como o não possam fazer pessoalmente vem por este meio protestar o seu profundo reconhecimento.

Aveiro 21 de março de 1883.

Margarida de Souza Lopes.

Maria Carolina Lopes.

Anna Lopes de Bastos.

Francisco Antonio Lopes.

Manuel Antonio Lopes.

# MUITA ATENÇÃO

CASA DE LISBOA

DE

A. Coelho d'Almeida & C.<sup>a</sup>

17—RUA DO CAES—18

AVEIRO

Este novo estabelecimento já bem conhecido do publico Aveirense, acaba de receber um novo sortido de fazendas de novidade, taes como setins pretos e de cor (especialidade) merinos e cachemiras, pretas e de cor, espartilhos, raches, penteadores bordados, e muitos outros artigos. No mesmo estabelecimento se encontra um completo sortido em luvas de pelica tanto para homem como para senhora e creança.

17—RUA DO CAES—18—AVEIRO

## CALÇADO DE LISBOA

A fabrica Gomes & filhos manda tambem este anno durante a feira de março um seu empregado com sortimento de calçado, de que desde já previne os seus freguezes que no anno antecedente fizeram favor de se fornecer d'esta casa.

Tambem annuncia que aceitou a agencia d'esta fabrica o Ill.<sup>mo</sup> Sr. Eduardo Augusto Ferreira Osorio, com estabelecimento de fazendas na rua dos Mercadores 26, o qual se incumbirá das encommendas que houver a fornecer na continuação.

## OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO ANTONIO DE SOUZA

4---Largo da Apresentação---6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

## ESTABELECIMENTO

DE

OFFICINA DE MOVEIS

57---Rua de José Estevão---59

MAQUINAS PARA COSER

MANUEL FRANCISCO LEITÃO, tem no seu estabelecimento um grande e variado sortimento de molduras douradas, e pretas com filetes dourados, assim como um magnifico sortimento de cadeiras, mezas, canapés, sophás, commodas, quadros e mais moveis, que vende por preços convidativos e extremamente baratos. Encarrega-se tambem de quaesquer encommenda com a maior promptidão.

## SERÕES ROMANTICOS

EMPRESA EDITORA—BELEM & C.<sup>a</sup>

Lisboa—26, Rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa

## MYSTERIOS D'UMA HERANÇA

ULTIMA publicação de Xavier de Montepin, auctor do romance—O FIACRE & N.<sup>o</sup> 13.

- 1.<sup>a</sup> parte—A Herança de René.
- 2.<sup>a</sup> parte—Crimes sobre crimes.
- 3.<sup>a</sup> parte—Expiação.

Edição ornada com chromos a dez côres e com magnificas gravuras. Cada chromo 40 réis. Um brinde a cada assignante no fim da obra. Assigna-se em todas as livrarias e no escriptorio da empresa editora Belem & C.<sup>a</sup>, rua da Cruz de Pau, 26, onde se dão os prospectos.

## ! NOVIDADE!

Ourivesaria Manu-

factora

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

N'esta officina executa-se com toda a perfeição e maxima brevidade toda a obra d'ouro ou prata.

Galvanisa-se toda a qualidade de metal, em obras.

Garante-se em todos os trabalhos a modicidade de preços.

Encommendas a

José Eduardo Mourão.

Ernesto Chardron

EDITOR—PORTO

## BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Assignatura por anno... 500 réis  
Para o estrangeiro... 600 »

Publicaram-se os n.<sup>os</sup> 1 e 2 do 4.<sup>o</sup> anno

## SUMMARIOS:

Do n.<sup>o</sup> 1.<sup>o</sup>

A BRAZILEIRA DE PRAZINS, de C. C. Branco, critica do *Commercio de Portugal*.—A CIDADE DO VICIO, de Fialho d'Almeida, por Alfredo Galis.—HISTORIA UNIVERSAL DA EGREJA, do dr. Alzog, pelo dr. Luiz Maria da Silva Ramos.—OBRAS de D. Ayres d'Ornellas de Vasconcellos, por J. C. Machado.—O AGRICULTOR PORTUGUEZ, critica da *Voz do Povo*. LYRA INTIMA, de Joaquim d'Araujo, por Oliveira Martins.—Publicações portuguezas, e francezas da livraria Hachette et C.<sup>e</sup>

Do n.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup>

A BRAZILEIRA DE PRAZINS, de C. C. Branco, por Valentim Demonio e José de Sousa Monteiro.—A CIDADE DO VICIO, de Fialho d'Almeida, por Manuel da Silva Gayo.—Bons livros para bibliothecas.—Novas publicações portuguezas e estrangeiras.

Restam poucos exemplares do 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> annos

PREÇO DE CADA UM 1\$000 REIS

Estes annos contem muitos artigos do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Camillo Castello Branco e de outros escriptores, e as polemicas a respeito do *Cancioneiro Alegre*, Eusebio Macario e a *Corja*.

AOS SRS. AUTHORES E EDITORES

Annunciam-se na Bibliographia as obras de que se receber 1 exemplar.

ANNUNCIOS NA BIBLIOGRAPHIA

Preço de cada pagina. 3\$000 réis  
» 1/2 » 1\$600 »

## A MÃO NEGRA

HISTORIA DA TERRIVEL SEITA

Assigna-se na Imprensa Occidental, rua da Fabrica, 66—Porto, e em todas as livrarias.

Por volume 400 réis—aos fasciculos 50 réis.

## ATTENÇÃO

Vende-se uma caldeira de cobre de amplas dimensões. N'esta redacção se dão esclarecimentos.

LUIZ DOMINGOS VALENTE D'ALMEIDA

COM

OFFICINA DE SERRALHARIA

EM

MAQUINAS PARA COSER

FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuzo do preço de 1\$900 a 9\$000, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão cada ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.



GRANDE

## NOVIDADE

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Apresenta desde hoje á venda a sua nova machina de cozer de

## LANÇADEIRA OSCILANTE

É ESTA A REVOLUÇÃO MAIS COMPLETA QUE TEM HAVIDO NAS MACHINAS DE COSTURA.

Trabalho sem igual ao de todas as machinas silenciosas e de lançadeira até hoje conhecidas.

As suas grandes vantagens são:

Braço muito elevado.—Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.—Aguilha ajustavel de per si.—Dois mil pontos n'um minuto.—Levissimas no trabalho.—Silenciosas sem igual.—Não precisa encher canellas.—Não precisa enfiar a lançadeira.—Pespointo o mais bello e mais elastico. Todo o seu machinismo ajustavel e com o uso e os annos está a machina sempre perfeita.

## GARANTIDA POR DOZE ANNOS

PRIVILEGIO EXCLUSIVO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS

para familias; para alfaites; para sapateiros; para toda a classe de trabalho.

Machinas desde o preço de 8\$000 réis até 130\$000 réis, com os melhoramentos mais modernos e canelleiro automatico.

Todas as pessoas encontrarão no trabalho da machina SINGER FAMILIA de LANÇADEIRA OSCILANTE o que ha de mais perfeito e bem acabado.

Todos os industriaes executarão na machina SINGER industrial de lançadeira oscilante os trabalhos mais delicados e com a maior facilidade, como nunca terão visto.

Aos alfaites e sapateiros chamamos a sua attenção para esta nova machina de lançadeira oscilante.

EXISTENCIA PERMANENTE NOS ARMAZENS 1-300 MACHINAS

VENDAS A DINHEIRO

com desconto de 10 p. c.

VENDAS A PRESTAÇÕES DE 500 RS. SEMANAES

SEM PRESTAÇÃO DE ENTRADA

ENSINO GRÁTIS

Cuidado com as imitações

Exigir sempre a marca da fabrica e que os recibos ou contas tenham as seguintes palavras «Machina legitima da Companhia Fabril Singer.»

Companhia Fabril Singer

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

(Pegado ao edificio da Caixa Economica.)

AVEIRO

52—Largo da Praça—53

OVAR

E

Em todas as capitães de districto de Portugal